

# REVISTA MENSAL

DA

## SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

1.º ANNO.—OUTUBRO DE 1869.—N. 8.



PORTO ALGERIA

Typographia do—**Jornal de Commercio**—de L. F. Cavalcanti de Albuquerque;

1869.

**COMMISSÃO DE REDACÇÃO**

Vasco de Araujo e Silva.  
Appollinario Porto Alegre.  
José Bernardino dos Santos.  
Aurelio V. de Bittencourt.  
Francisco Isidoro de Sá Brito.  
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

---

**REDACTOR DE MEZ**

José Bernardino dos Santos.

---

# OS PALMARES

## ROMANCE HISTORICO

POR

APPOLLINARIO PORTO ALEGRE

DE

(CONTINUAÇÃO)

### CAPÍTULO III

Avancemos um passo no interior. E' quasi no fundo, onde mal lobriga-se a porta d'uma pequena camara.

A noite vai adiantada e uma pallida e languida menina inda vela.

Reclinada no leito com a face apoiada sobre a mão, parece dar livre curso à meditação. Ah! na mais lucida e aurea quadra do viver, quando porventura devia encarar o mundo pelo prisma das illusões, ella vê o esphacelo que o corróe, ja possui seu cadaver dissecado, bem como os augures de Roma a pagã, soletrou-lhe nas visceras a verdade monstruosa.

Ahi nas noites sem somno, duradouras sempre como um seculo, tem curtido asperas e lentas agonias, que, semelhantes á giboia enovelando a suçupara, ião aos poucos lhe aquebrantando as forças, e dando incremento aos paroxismos d'uma febre, que lhe absorvia a seiva da existencia.

Tendes, leitor, conhecimento do que seja a combustão espontanea, sequer d'ou-tiva? Pois a dor que se abraça a uma entidade por larga dura não lhe é somenos, quicá mais cruciante, mais cervical, mais satanica e inconcebivel; porém fallamos da dôr moral, para a qual não ha panacêa, nem refrigerio, a não ser a leiva dos sepulchros. A eternidade! A eternidade só lhe basta! porque só ella póde encher o abysmo de desespero e angustia que então se rasga, se amplia, se aprofunda sem termo na alma do desgraçado!

Enfermidades corporeas em que se lhe assemelhaõ?

A consumpção da intelligencia, a atrophia do coração é só das almas grandes. O cerebro vulgar do arrieiro e do hyppopotamo, do aulico e da lagartixa, não tem um ventriculo em que possam hospedar as angustias moraes....

Amelia, apenas sahira das faixas do berço infantil, tivera o equuleo do martyrio! O inferno pelo céu!

Pobre moça!

Magnifica llor do mandacarú, mal abrindo o botão da pubescencia, e batida dos tufões na grimpa das serranias!

E como hei de stereotypal-a, pol-a em relevo? De que modo reproduzir sua figura tão aerea, tão idealista, tão divina? Como retratar um sorriso de Deus que chrystalison-se ao descer á terra?

Timantho desesperando de exprimir a tristeza nos traços de Agamemnon, não

correu sobre elles um véo? Imitemol-o, que se a veja atravez da gaza d'uma ligeira descripção.

Na galeria social dois typos de mulheres se ostentão peculiarmente. Umas são a gaivota apanhada na amplidão dos ares por uma rajada impetuosa, resistindo ao principio, mas acabando por cahir desfallecida no limo das charnechas, onde mancha as brancas plumas. Outras a lagrima das noites adormecida no seio da graciola: as auras matutinas perpassão, brandêão a hastea da planta, arrastando na oscillação a gotta limpida e serena, ora á extrema da petala, ora ao fundo da flor, até que o sol derramando-se sobre o valle a exalce ás regiões do céo, transformada em tenue e diaphano vaporzinho.

Amelia pertencia ao ultimo grupo.

Ha donzellas iindas e sympathicas que angarião até pelos ademanes um olhar d'amor, mas Amelia.... O' ella!...

Quem não tem visto por entre torreões de calligens um raio do sol coar? Pois ella era bella como este raio do sol.

Seus cabellos em madeixas negras como a aza do anum, emmolduravão um rostinho pallido de lioz, cujas partes e contornos pronunciavão-se em proporção continua e em cadencia de linhas suaves.

O porte dotado da flexibilidade da crecuma tinha um tanto do impalpavel das peris que povoão os céos da Persia, dos gnomos azues e transparentes que, na quebrada d'uma encosta, o mineiro sueco julga deparar.

Então trajava um vestido de filele escuro, que fazia sobresahir visivelmente a chernita das feições e das mãosinhas, escondendo em parte a gentileza do talhe, esvelto como o d'uma palmeira, se bem que as vibrações da marcha cheia de elação e vivacidade, o denotassem. Abotoado na garganta, bem ajustado sobre o corpo, desenhava as evolutas d'um collo admiravel e d'uma cintura, cuja delgadez o olhar não cansava de admirar com o desejo de estreital-a amorosamente.

Amelia! O' ella!... Quem não tem visto por entre torreões de calligens um raio do sol coar-se?

Pois ella era bella como este raio do sol.

Nunca olhar envolvera-se mais n'uma athmosphera humida de melancolia, nunca filtrava um brilho tão morno e tão ineffavel, mas tambem nunca absorvera um mundo de tanta meditação. Se o riso em sua boquinha engraçada abria os labelos, era merencorio e pungente, parecia um crepusculo da tarde.

Quem a visse assim, librada entre o firmamento e a terra, diria que assás pungia-lhe uma nostalgia de sua patria nativa: — a mansão além dos astros.

Comprenderia Amelia o sentimento espontaneo d'esses arroubos e d'essas scismas profundas?

Teria uma noção distincta dos phenomenos que a tornavão um dedalo inextricavel para a psychologia?

Não, que tudo isto decorria de sua natureza, como factos normaes.

Sempre, quando os olhos fruião tanta animação e deslumbrevão com tanta vida de pensamento, sua alma esparecia-se n'uns longes vagos e indefinidos, n'um mar sem praias banhado de dubia luz crepuscular.

Bracejando, n'uma aspiração sublime para o infinito, esta franzina creança debatia-se em aucia cruel, presa ao sólo de nosso planeta pelas adobas do involucro terreno.

O thema dos meditaires que a arrancavão ao positivismo da existencia, durante longas horas, erão: Deus, patria, liberdade e amor, bafejados do perfume da idealidade.

Porém, nem constantemente saboreava taes momentos de volupia. O lozango d'um relampago cruzava o horisonte de seu viver solitario.

Uma scena domestica, terrivel para ella no travo, porque defendia-se contra os ataques e as insolencias d'uma madраста, tinha então lugar.

Depois no remanso de seu quarto as palpebras se lhe humectavão de perolas d'um soffrimento inexprimivel.



Flebil voltada para o crucifixo impendente do muro, balbuciava com voz mavisosa e tremula: Maria! Frederico!

Mãe e irmão!

Pobre orphã de carinhos, não dormes sob as azas da maternidade, nem no teu irmão tens arrimo e consolações!

Amelia em taes momentos, curva sob a corôa de angustias....

Quem não tem visto por entre torreões de calligens um raio de sol coar-se?

Pois ella era bella como esse raio do sol.

Quem deixára de amal-a? Quem não reclinára ante ella: —adorando o Creador na creatura —como disse um poeta persa?

Depois atirando-se sobre o leito com o seio partido pelos soluços, com a expressão das magoas expandida pelas faces, era d'uma formosura divina, traduzia o omega a ultima palavra da genesis material —a perfeição plastica, o ideal do poeta e do artista.

Era uma d'essas mulheres que nascerão para ser um idolo eterno e não para os gozos transientes do mundo.

Ella seismava quando entramos. Alguns instantes decorridos batem á porta. Da attitude meditabunda, em que se achava, não se moveu. Suas forças espirituaes reconcentravão-se todas n'um ponto intrinseco.

Qual? Deus o sabe.

Pancadas de novo soarão mais fortes.

Apenas meneou a cabeça, como se incommodada do ruido estranho que vinha perturbar-lhe a paz.

Ouvindo-o outra vez, despertou-se completamente do lethargo, e perguntou:

— Quem está ali?

— Minha senhora, mandarão chamar-lhe.

— Quem?

— O senhor.

— Não sabes para que, Joanna?

— Venha de pres-a, está. . . . nem devo contar. . . . venha.

Eil-a em pé mais pallida do que nunca. Com a mão comprime o latego infrene do coração, os olhos debulhão-se-lhe em pranto copioso, caminha vacillante para a porta.

— Meu Deus! Minha mãe! Querem matar-me, pronunciou em tom convulsivo e plangente.

#### CAPITULO IV.

E' um recinto sombrio então illuminado por dois brandões que prendem-se aos veladores.

Pelos muros destaca-se um arsenal de guerra.

Pero Lopes taciturno, os supercilios horriavelmente carregados, de vez em quando deixava escapar das pupillas uma chispa fulminante. Semelhava-se á fêra, que occulta se n'uma bastida e impacienta-se esperando a preã, em cujas carnes ha de sepultar o famelico dente.

Eulalia parecia indifferente, porém perscrutava de soslaio os movimentos do esposo.

A's vezes, qual se fôra tocada do aparelho de Leyde, um estremeção involuntario e que ella com esforço supremo procurava occultar, vinha trahir á conflagração de contrarias paixões bem no adyto do peito.

Se Pero Lopes não fôra dominado dos mesmos sentimentos, o teria talvez notado.

Amb-s soffrem em cruel expectativa.

O silencio sepulchral, que os rodeia, exuberantemente o prova.

Alfim no corredor se ouviu o ruído de passos e o farfalliar d'um vestido.

— Eil-a ! exclamaram em côro.

Amelia appareceu radiante. Crer-se-hia que um diadema cingia-lhe a testa.

A Blandina do Senhor preparára-se para o sacrificio, reunindo n'este solemne momento toda a energia de sua compleição femil.

Acercou-se do pai sem trepidar.

Nas orlas virentes de uma lagôa, em nossa patria, quando a borrasca abre as azas nos espaços, enruga a superficie das aguas, accumula cylindros sobre cylindros, quem não tem visto a garça de candida plumagem arrostar com marcha airosa e altiva os furores da onda ? Assim Amelia.

— Mandastes chamar-me, meu pai ?

— Sim, disse timidamente.

Mas erguendo-se de subito, debatendo-se como nas convulsões da epilepsia, contra um poder intimo que o tornava miseravel e pusillanime ante a filha, espumando, torcendo os pulsos a verter sangue, rugiu :

— Sim, mandei chamar-te, vergontea degenerada de uma nobre raça; opprobrio de teus antepassados . . .

E parou suffocado de raiva . . .

Depois de tomar folego, proseguiu :

— Sim, hei de vingal-os inda que necessario seja beber teu sangue no craneo de teu irmão . . . Beber teu sangue, não . . . não . . . que é demais impuro.

Entregarei teu corpo aos molóssos e urubús da estrada, e creio mesmo que poucos hão de local-o.

Tu e teu irmão conspirão contra mim e meus irmãos de berço ! Tu e teu irmão !

E uma gargalhada estrepitosa e nevrálgica reboou em toda a sala, fez vibrar os instrumentos bellicos suspensos nas paredes e inda foi repercutir exteriormente. Seus dentes rangião como os do caítetú na montanha.

A virgem immovel, escudada em sua innocencia, nada respondeu, mas seu coração pulsava irregular.

— Ah ! agora não fallas ? Procuras os momentos em que me acho ausente para insultar Eulalia ! E que affrontas !

— Meu pai, nada disse, nada fiz.

— Não o fizeste ? Então, quem mentiu, foi ella.

— Algum dia faltei-lhe a verdade ?

A's vezes não fui mesmo franca em prejuizo meu ? Que necessidade teria em atear a discordia na familia ? Meu pai conhece melhor do que ninguem o genio de que sou dotada, e que era impossivel procurar desavenças com minha madrastra.

E algumas lagrimas a eito borbulhavão sobre a face setinosa da linda moça.

— Olhem a innocente ovelha ! Quem hoje ameaçou Eulalia com o exterminio dos portuguezes no Brasil, denominando-os pelo alcunha de — emboabas ? Diz-me Amelia ?

— Eu ? ! Oh ! O juro pelas cinzas sagradas de minha mãe . . .

— E no emtanto serei eu a mentirosa ? acudiu Eulalia com voz vibrante ; e tirou uma carta que apresentou a Peró Lopes, accrescentando : Vê se poderei calumnial-a, se ha maligãidade e odio em minhas intenções.

Elle arrancou-lh'a das mãos, e em curto lapso devorou seu conteúdo.

— Esta carta, Amelia ?

— De Frederico.

— E ouzas desmentir tua madrastra ? Aqui os pensamentos não combinão com tua insolencia de hoje ?

— Estou tranquilla, meu pai, eu nada disse.

— Bem, tu não viverás mais em nossa companhia, mandar-te-hei para um convento, vil intrigante. E emquanto a teu irmão, tem vivido de mais . . .

A pobre menina sentiu correr-lhe um calafrio pelos membros, estremeceu por Frederico.

A jekerí, mal a bate o rabido alipede vento da noite, treme e retrahe-se toda ; mas logo ao beijo da aurora expande-se, espanja-se na luz que a banha, na aura matutina que a envencilha em abraço amoroso.

Assim Amelia. Ao principio recolheu-se ; mas depois animada pelo sol d'uma santa afeição, seu olhar coruscou na penumbra em que se engolfava, distendeu a branca mãosinha, moveu os labios e sem consciencia do que ia pronunciar soltou estas tremendas palavras :

— Matai nos ambos, já que nos matastes a mãe.

O sentimento fraterno, o unico que lhe era permittido então fruir, a allucina-  
nára.

Pero Lopes desprende um rugido que abalou a casa nos alicerces. Seu crime estava descoberto pelos proprios filhos !

Authomaticamente lançou-se sobre uma espada suspensa na parede, e ia vibrar o acicalado ferro no collo immaculado da virgem dobrada sobre os joelhos, quando no exterior restrugiu safara e ruidosa pocema cazada a repetidos golpes de machado nas portas da sala.

Estacou com o braço erguido.

Erão os Palmares.

(Continúa.)





# FREI CHRISTOVÃO DE MENDONÇA.

## ARTIGO HISTÓRICO.

Em dous venerandos grupos dividirão-se os primeiros apóstolos que percorrerão os vastos sertões da America meridional.

A' este pertencerão os Nóbrega, Aspicuelta, Luiz da Grã, Sardinha, o immortal Anchieta, e outros illustres missionarios, que derramarão os primeiros germens da civilisação europea ás margens do Atlantico, pregando o Evangelho entre os Tupinambás, Carijós, Tupiniquins, e outras nações gentlicas, que acampavão em seu litoral e cercanias.

A'quelle, que invadia as cordilheiras que orlão o Pacifico, pertencerão os Cataldino, Mazeta, Diogo Torres, e além de muitos outros varões celebres, os illustres martyres Roque Gonçalves da Cruz e Frei Christovão de Mendonça, os primeiros que penetrarão os ridentes valles do Paraguay, Paraná e Uruguay, inacessiveis até então aos proprios exercitos europeos, como aos tupys seus alliados, e onde fundarão esses templos, que ainda hoje existem n'esta provincia em magestosas ruinas.

Era nobre essa cruzada l divina a resignação e constancia d'esses venerandos apóstolos, como foi heroico o seu valor, zelo e caridade evangelica.

A par dos conquistadores que Portugal e Hespanha enviarão ao novo mundo, marchava o soldado da fé; ali onde o canhão proclamava o dominio de um rei, o Jesuita proclamava o do Christo; onde a espada do usurpador derribava uma victima, elle cavava um tumulo e erguia-lhe uma cruz á cabeceira; e assim, enquanto a conquista avancava deixando após si larga esteira de sangue, e junto a cada padrão que erguia, hecatombes de tribus inteiras, elles se embrenhavão sós, indefesos, pelos sitios os mais remotos e asperos e ião no seio de florestas ignôtas receber a gloriosa corôa do martyrio, ou arvorar o negro estandarte do Golgotha, fundando povos a sua sombra augusta, edificando templos e reduzindo ao gremio civil e ao christianismo hordas barbaras e nomadas, reunindo os destroços das nações fofragidas, dispersas e perseguidas pelos europeos.

O Jesuita penetrava o coração das florestas e ia ter ao amago das tabas gentlicas, onde proferindo o verbo augusto, embriagava seus habitantes nos perfumes da fé, adormecia odios inveterados, e transformava-lhes a barbarez dos costumes pela moral e dogmas da religião que propagavão.

Frei Christovão de Mendonça foi tão zeloso e venerado nas missões do Paraguay, qual havia sido Anchieta no Brazil; como este matizára de aldeas os platinos do Piratininga em torno de seu famoso templo e collegio, internou-se Frei



Christovão para o interior da provincia de Tayati, onde fundou o povo da Encarnação, não grado a reluctancia e ameaças de varios caciques, e do caracter feroz dos gentios que ali habitavão.

Como o apostolo dos Indias, Frei Christovão, proseguia gloriosamente a sua propaganda, vendo engrossar por centenaes o numero de seus cathecumenos.

Já acima dissemos qual a vasta e fertil zona que era habitada pela esforçada tribu guarany, raça indô-nita, guerreira e barbara até a antropophagia que apesar de infinitamente subdividida em pequenas aldeas ou cacicados, era temida e intratavel para com os europeos, com quem entretiverão renhidos e varios combates, cabendo-lhes sempre, além da victoria, os despojos que deixavão na campo da acção os invasores, quando repellidos de seu territorio.

Os Jesuitas, mal recebidos a principio, não desanimarão em seu intento, e após muito esforço baldado, conseguirão os perseverantes Roque da Cruz, Montoya e Frei Christovão fazerem-se amar por essa nação e ensinar-lhes a religião de que erão dignos apostolos.

Segundo as chronicas escriptas por elles proprios, forão os Jesuitas recebidos pelo gentio com aspereza, desconfiança e ameaças; mas pouco tardou em serem por elles acatados com o respeito e veneração que tributavão aos enviados d'esse Deos, de quem uma vaga, mas enraigada e geral tradicção lhes dava uma idéa; tradicção narrada e aceita por muitos autores, e tratada, inda que diffusamente, em sua historia pelo respeitavel padre Pedro Lozano, que como Rodrigues Montoya e outros testificão, é a da passagem e pregação do apostolo S. Thomé por esta parte da America.

Além de muitos outros que sobre ella escreverão, eis o que a respeito de tal tradicção escreveu em 1613 ao Provincial Diogo Torres o veneravel padre José Cataldino.

« Muitas cousas me tinham dito desde o principio estes indios, ácerca do glorioso Apostolo S. Thomé, que elles chamão *pae Zumé*, e não as tinha escripto antes, para melhor me certificar e averiguar a verdade. Dizem pois os indios anciãos, e os caciques principaes, que tem por certissimo, por tradicção derivada de paes á filhos, que o glorioso S. Thomé apostolo veio á suas terras do lado do mac do Brazil, e que atravessando o rio de Tibaxiba (onde elles e seus antepassados moravão) então povoadissimo de indios, foi passando por seus campos ao rio Maybay, e que d'ahi foi ao rio Piquiri, d'onde não sabem para onde foi.

« Nas cabeceiras d'este rio, dizem os indios, se achão as pisadas do glorioso sancto impressas em uma penha, e o caminho pelo qual atravessou estes campos está ainda aberto, sem se ter nunca fechado, nem ter crescido nunca a herva, apesar de estar no meio do campo onde não trilhão os indios, e assegurão que as penhas por onde vem este caminho estão abertas, deixando no meio um caminho igual ao mesmo chão, e affirmão terem o elles visto. »

A' esta tradicção deverão os Jesuitas a mór facilidade e exito na conversão dos gentios á crença de um unico e verdadeiro Deos.

Não é, porém, nosso intento, pois somos muito obscuros para tal, fazer um resumo historico desses feitos grandiosos que illustrarão os primeiros seculos do dominio colonial, mas sim, e simplesmente, render preito a santa memoria de um illustre e venerando sacerdote que teve em nossa Provincia o throno do martyrio, e um tumulo que ignoramos onde existe.

Filho de um dos Governadores da Provincia de Santa Cruz da Serra, descendia Frei Christovão de Mendonça, de uma muito nobre familia hespanhola.

Como Roque da Cruz, seu contemporaneo, emulo e seu socio de apostolado e martyrio, Frei Christovão, abandonou a nobreza, os titulos, a fortuna, as delicias do lar e da familia e todos os prazeres com que a opulencia circumda aos seus dilectos pelos duros encargos da Companhia de Jesus, começando por renegar o nome de Ruiz, que tinha, pelo de Christovão, com que o conhece a historia.

Jovem de ameno trato, cuidada educação e rara intelligencia, possuia uma

alma ardorosa e nobre, como era seu physico ornado de belleza, graça e frescor, o que o tornava distincto entre os demais cavalheiros, e ao qual se prendião as maiores sympathias e as mais risonhas esperanças de sua familia e das nobres donzellas de sua alta sociedade.

Elle, porém, parecendo insensivel a tantos extremos e affectos, fugia desse ambiente morno e mephitico que respirava no solar paterno para a solidão dos êrmos e dos bosques. Nada ali o deslumbrava, nada o prendia ao fausto; e julgando talvez, pouco brilhante e digno para si esses brasões e glorias legados por seus antepassados, elle calçou-os com o nome herdado, para conquistar outro mais nobre e glorifical-o com seus proprios feitos.

Arrastrado pela vocação, por esse poder superior e providencial, a que cegamente obedecia, ensurdeceo aos rogos de sua mãe, desobedeceo as ordens paternas, desprezou as lagrimas e supplicas da familia, e foi ser do numero d'aquelles apóstolos em cuja bocca pôz Junqueira Freire, estes inspirados versos:

Era longe — bem longe: e eu vim primeiro  
Scindindo as ondas d'esse mar profundo,  
E por amor da Cruz vaguei sosinho  
Nas invias mattas d'esse novo mundo.

Eu disse ás tribus:—Todas vós sois ricas,  
Que o ouro e a prata o solo vosso esmalta.  
Sois ricas tribus,— mas não sois felizes,  
Porque uma crença de um só Deus vos falta.

E eu dei ás tribus uma crença doce,  
Qual uma chuva de manná celeste:  
E as tribus foram desde entam felizes,  
Qual flor pomposa que os jardins reveste.

De mim as tribus barbaras, indomitas,  
De mim o verbo do Evangelho ouviram.  
E ergui a cruz nos pincaros dos montes,  
E após o verbo os povos me seguiram l

Bem moço, pois, começou Frei Christovão de Mendonça essa successão de perigos, de miserias e dores que se chama o apostolado---esse peregrinar incessante na derrama da caridade, do amor e da fé.

Curto, quão glorioso, foi porém a duração do seu apostolado, pois dous ferozes caciques, de nomes Ibitiraí e Manãndara, derão-lhe prematura e barbara morte em Ceaguayu, no territorio de S. Borja, segundo o manuscrito, e conforme outros historiadores na serra dos Tapes, á margem do rio Jacuhy, pouco mais ou menos no local onde hoje demora a colonia —Santo Angelo.

Assim, depois de uma existencia edificante, tão cheia de heroico fervor e caridade evangelica, de tanto nobre zelo, dedicação e amor, e tão memoravel por grandes commettimentos, virtudes e feitos, que até hoje testificão, e perdurarão ainda aos tempos por vir, os povos da Encarnação, São Miguel, S. Thomé e outros que elle esguera como padrões de sua gloria no serviço do seu Deose Senhor; e obrigando, que seus amigos o abandonassem, pois grande era o perigo que os ameaçava,

elle ergueo sua alma aos céos, deixando ainda sou corpo no eculo do mais atro e cruel martyrio.

Prestes a exhalar o derradeiro alento, volveo olhar piedoso á seus barbaros assassinos, e disse-lhes, com voz doce e unvida de dorida compaixão :

« Vós mataes o meu corpo, mas não tendes poder de matar a minh'alma que ha de viver sempre, e que vae subir ao céu para gozar da gloria.

« Oxalá ! que cresceis na palavra de Deos que vos ensinei, porém sois máos, por isso não me acreditaes. »

E estas forão suas ultimas palavras, pois apenas pronunciadas, o gentio enfurecido precipitou-se sobre elle, já moribundo, e partirão-lhe a cabeça com dous garrotaços, e mais iniquios esses barbaros do que o tigre de suas florestas, abrirão-lhe a garganta por onde tirarão a lingua da victima, e depois rasgan'o-lhe o peito traspasarão-lhe o coração em uma de suas hervadas frechas.

Tal foi o martyrio horrendo que pôz termo, no dia 26 de Abril de 1635, a vida illustre do veneravel Frei Christovão de Mendonça.

*José Bernardino dos Santos.*



### Respondendo a uma carta anonyma.

Logo após a chegada do paquete com a mala da Côrte, achando-nos no escriptorio do *Rio-Grandense*, onde trabalhavamos com o seu illustrado Redactor, fomos agradavelmente sorprendidos com a carta anonyma, que abaixo publicamos, e a que respondemos.

Ao lêr seu contieúdo dous pensamentos, verdadeiros antipodas, tumultuarão-nos o espirito deixando nos perplexos sobre qual d'elles deveriamos optar.

Consultemos a varios amigos, cujos nomes n'ella se vêem d'envolta com o nosso, e elles, como nós, como todos, opinarão que a respondessemos.

Isto era perfeitamente impossivel, a não ser que a publicassemos, e com ella a sua resposta.

E' o que vamos fazer começando pela carta recebida, que transcrevemos aqui:

« Sr. José Bernardino dos Santos.

« Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1869.

« Tomo a liberdade de escrever-lhe para pedir, que attenda ao que segue:

« Sendo o Sr., dos litteratos rio-grandenses, o que mais inclinação tem provido para dotar a nossa provincia com escriptos, que mais filhos de seu sólo nos parecem, peço-lhe que continue a publicar na *Revista do Parthenon* as lendas e creanças de nossa terra, escriptas com a elegancia que o Sr. sabe dar aos fructos de sua imaginação; que execute o pensamento que tem, de ver, em um drama todo original seu, a Antonina Marquelou interprete da Guarany, da Charrúa, Minuana, Tape, (já decantadas por Junqueira Freire, no hymno da *Cabocla*), em vez de reduzir á drama poëmas de outrem, porque muita e maior gloria lhe caberia assim.

« Escreva tambem romances, taes como o *Guarany* e *Iracema*, — de Alencar, — *Acyaca*, de Felicio dos Santos, — e a *Virgem de Guaraciaba*, de Pinheiro Chagas; dê fructos verdadeiramente rio-grandenses, e os ponha a venda nas principaes cidades da Provincia e no Rio de Janeiro; e aconselhe aos seus consocios que com as suas composições pratiquem o mesmo.

« Porque, o Sr., em vez de procurar um factio qualquer da Provincia, foi buscar uma composição de Gonçalves Dias, para com os proprios versos d'elle reduzir-a á drama.

« A *Revista do Parthenon* devia ser de maior formato, devia trazer as actas, as theses discutidas, emfim, tudo quanto na Sociedade se passasse: devia noticiar no *Ementario* não só as obras publicadas na Europa, Rio de Janeiro, S. Paulo, Bahia, Pernambuco &c., como tambem em todo o Rio Grande: devia trazer as biographias de D. Rita Barem de Mello (de quem a Sociedade pediu, supponho que ao Fontana, os apontamentos biographicos), de Felix da Cunha, de quem muito poucos talvez saibão o dia e o lugar em que nasceo, do Dr. Bello, e de outros illustres e notaveis rio-grandenses; deveria finalmente ter uma chronica de tudo quanto n'ella se passasse, e então em vez de trinta teria cem paginas.

« Aqui ha Sociedades formadas de estudantes de collegios, com vezes inferiores ao *Parthenon*, tendo entretanto — revista quinzenal — de cincoenta paginas, contendo, é verdade, cousas que nada valem.

« O Sr. que naturalmente lê a *Arcadia* reflecta sobre — A litteratura no Rio Grande — de A. Maria Pinto, pag. 129 da 3.ª serie, e — Poetas e Poesia — de G. Pa-redes, na pag. 273 da mesma serie; e ao Rio Grande dê uma litteratura propriamente sua.

« Isto não será difficil n'uma Provincia que conta entre seus filhos mais talentosos os Bernardino dos Santos, Taveira Junior, Appollinario P. Alegre, Lobo da Costa, Carlos Ferreira, Villeroy, Hypolito Camargo, Sá Brito, Ignacio de Vasconcellos,



Achylles, Paredes, Salomé, Aurelio &c, todos intelligentes, e que não encontrarão barreiras ante as quaes recuem em sua aventureira carreira.

« Nenhuma outra provincia do Imperio tem uma historia mais nobre e repleta de heroismo. Porque então, pois, não serão aproveitadas essas acções homericas para epopéas ? »

« Por acaso achar-se-hão gelados vossos corações a tal ponto, que não queiraes embocar a tuba épica ? »

Eis pois, transcripta a carta que nos fez dar tratos a imaginação no intuito de descobrir qual a penna que mysteriosamente a traçou; carta, que, por certo, guardaríamos em silencio, se com nosso nome não viéssem congraçados outros muitos de meus illustrados collegas e amigos, e que como eu são seus participes.

Será porém esta carta um epigramma que de tão longe nos vem ferir? Quem sabe! Quasi que o acreditamos quando nos manda escrever romances taes como o *Guarany* e a *Tracema*, d'aquelle que reputamos o Mestre, e a quem sagramos respeito e admiração.

Mas essa crença vacilla, e quasi que a queremos repellir, porque nós não merecemos o ridiculo, que n'esta hypothese, ella nos lançaria; e dóe-nos no inno d'alma, que alguém ludibriando sacrificios e dedicação nos viésse arrancar da feliz quiétação e obscurantismo em que viviamos, para, morchando esperanças, implantar-nos no coração o desanimo e o desgosto. Isso seria até uma vilania cruel, de que não queremos crêr á alguem capaz, e que nos leva a segunda hypothese.

Sim: e se ao contrario, se em vez do sarcasmo hi ha um conselho, uma palavra de affecto, de consollo ou animação; se são essas phrases êchos dos sentimentos de que são susceptiveis as grandes almas; se hi ha esse sentimento cujo perfume eleva a intelligencia e a alma ao nobre, ao bello e ao justo, porque se occulta aquelle que nos anima, e nos pede o trabalho e o sacrificio pela gloria de nosso porvir e do de nossa grandiosamente bella e nobrepatria, e quiçá nos poderia conduzir té ella ?

Oh! porque, se somos dignos de vosso apreço, se vos agradamos, se vos dignaes escrever-nos, porque negar vosso nome a nossa gratidão e amor.

E no entanto não são só as palavras nimiamente bondosas que para nós encerra esta carta, o que nos desvanece em jubilo quasi ao mesmo tempo em que o pezar nos possúe: ha ainda um outro motivo que nos obriga a julgar insensata essa carta; esse é — crêrmos ser ella traçada por delicada mão feminina, pelo que julgamos dos finos traços que formão os angulosos e delgados caracteres que a constituem.

Oh! se bastasse uma promessa; se fosse preciso pôr á prova a nossa descripção; se emfim, nos exigissem um sacrificio mesmo; tudo faríamos gostosos em troca d'esse nome que tão injustamente se nos occulta, e que no entanto, temos desconfiança que já o amamos.

Porto Alegre, 17 de Outubro de 1869.

*José Bernardino dos Santos.*

# O BRAZIL.

**Poesia recitada pelo autor em a noute de 19 de Setembro de 1869,**  
**por occasião do espectáculo do PARTHENON LITTERARIO, no**  
**Theatro São Pedro.**

Tupã já volve á terra a luz dos olhos.....  
Cresce do bosque a sombra ao occidente.....  
E o orvalho da manhã rorêja os prados,  
Onde serpeia a trépida corrente.

Selvagem trovador, saudando a aurora,  
O bosque acorda ao som de seus cantares ;  
E do universo o cantico de graças  
Entôa a brisa na lyra dos palmares.

E, eu acordo tambem, salto da rêde  
Tendo o riso no labio, e a esp'rança n'alma,  
E busco no clarão que dos céos mâna  
Da liberdade a luz, conforto e calma.

Qual a frecha subtil traspassa o fructo,  
Eu, tão veloz, perpasso entre a ramagem  
Do trançado sertão, galgo os outeiros,  
Cruzo a verde collina, e a extensa vargem ;

Fórmo do 'adunco peito breve igára  
E rasgo á meio o limpido crystal  
Do caudaloso rio, e corro, e sempre,  
Quer pize flôres, relva, ou bravo urzal.

Em balde !... O iris não é da liberdade  
Esse brilhante prisma que seduz ;  
E' sim, o lampejar de flamma ephemera,  
E não de Redempção sagrada luz !

Nem é tambem da morte o gladio acceso  
Que na voz do trovão fulmina os bravos....  
E, eu quizera os irmãos contar por crâneos  
Do que os vêr gemendo— vis e escravos.

Quizera vêl-os todos, como hei visto,  
Com honra, as gerações que já não são,  
Mas que livres cahirão, qual nascerão,  
Qual nasce e morre o cedro no sertão.

Mas fecha a noute.... O céu se torna negro...  
Depois... Inflama-seo oriente a luz d'aurora  
— E' um dia que nasce, e outro que morre :  
Alí—ha riso, ha festa.... Aqui-- se chora !

Nem o dia que passou levou consigo  
Essa dôr tão cruel que me pungia,  
E nem esse que desponta traz-me a esp'rança  
De ser mais do que hontem—melhor dia.

E qual folha a folha as arvores se despem,  
No peito, as illusões, que eu alimento,  
Uma por uma vão myrrhando todas  
Ao soprar da descrença... ao desalento!

E assim passa outra vez a grande tréva  
Sem vir o manitô fallar-me ao sonho...  
Esse dia que resurge é noute e trêda :  
—Inda o urutáo se carpe em pio medonho.

Oh! não despertes, guerreiro, antes da aurora,  
Em que deve o mágo sol da liberdade  
Brilhar na vasta taba americana  
Sem ver da escravidão a potestade.

*José Bernardino dos Santos.*



# FLOR DO LAR.

## I.

Mulher! anjo do lar, querida amiga,  
Idolo unico, que no mundo adoro!  
Cêde a meus rogos, vem ante o Deos vivo  
As benções implorar sobre nós ambos,  
Que ligue o meu destino ao teu destino....  
Celeste criação de humana especie;  
Amoroso conjuncto d'esperanças,  
O' tu, inspiradora de meu estro,  
Vem completar meu ser, guiar meu genio,  
Meu lar embellecer, feliz fazer-me!  
Vem perennal thesouro em que meus olhos  
Euchergão só ventura!  
Dizes que te não sou indifferente,  
Que compassiva, e circumspecta amante,  
Escutas terna de meu peito os ais  
A' ti levados pela cauta brisa,  
Que os meus suspiros entretêm co'as azas.  
Por Deos! O' divindade humanisada,  
Santélmo que d'esta vida ao Bardo  
As procellas amainas;  
E seu canto sentido ao céo transmittes.  
Desce das regiões ethereas de meus sonhos,  
Vem, e á face de Deos jura que és minha;  
E no solemne altar do amôr que invóco,  
Sob o templo immenso deste céo augusto,  
Deixa que ao adorar-te eu m'extasie.

.....

Oh! não! basta mulher! A fronte inclina,  
Recebe o diadêma.... são meus beijos,  
Teu throno é em meu peito,  
O septro?... Nem eu sei.... a minha penna....  
Meu destino, sem custo, mudar podes.  
Enleio de minh'alma,  
Esthetica visão dos meus sentidos!  
Um beijo, mais um beijo, um outro beijo...  
Mas que rubor é esse que em teu rosto  
Duas rosas desdobra perfumadas  
Desse aroma do céo— pudor — chamado?  
Como encanta, mulher, esse perfume!  
E quanta fragancia ao purpurar das faces!  
E's mãe, idolo meu? Cuida em meu filho,  
E mais esse penhor de mim conserva,  
Penhor que em duplo laço a ti me prende.



II.

Que laços tão doces, estreitos, tão fortes,  
Tão ternos, fagueiros, tão cheios d'amôr;  
Que magicos laços, que tanta esperança!  
Que dupla ventura, do céu que favor.

E's mãe! Que grandeza, que amôr respeitoso,  
Que culto que inspiras c'o filho no collo.  
Ser mãe é grandeza que a terra ennobrece,  
Que ao mundo illumina c'o facho d'Apollo.

Que cousa sublime, mulher, é ser mãe!  
Trazendo no seio o genio em embryão,  
A' luz, n'um instante, do mundo entrega-o;  
Aos peitos nutril o, formar-lhe a razão,

C'o leite, c'os beijos, c'o riso, c'os olhos;  
Da eterna moral as leis lhe ensinar,  
Do peito no imo, exemplos lhe dando,  
Os brios, virtudes p'ra sempre gravar.

Com graça e enlevo saber conduzil o;  
No bello e sublime sabel-o inspirar;  
Mulher, és a guia no lar e no mundo!  
Quem nobre e tão grande nos sabe criar?

III.

O' feliz fôra eu se em teu regaço  
Gozar podesse de ventura tanta....  
Gozar assim é um sonhar delicias  
Que o tempo encurta quanto a vida encanta.

Louco por ti minha existencia foge...  
Só a esperança me sustenta a vida!...  
E's o meu sonho que a visão embala,  
A minha estrella na affunosa lida.

Setembro 20 de 1869;

M. Alves de Paula.



# REVERBINA

Meditar como é doce ! E' o sonho d'alma,  
Scismar gozos do céos, gozando em mente !  
Meditar no que ? . . . Em mim ? pobre diabo,  
Alvo de magoas, que nos risos mente.

Oh ! não, a fé ! que o não farei.  
Meditar . . . eu meditar ? Teria graça.  
Pensar ? ah ! ah ! em que ? no meu futuro ?  
S'está louco tambem doudo me não faça.  
Deixemos meditações, é melhor ririnos  
Do que estarmos sem lucro-a nos mentirmos.

Pensar no meu passado ? Não, não quero :  
Se teve outr'ora flores 'stão fanadas ;  
Dos risos, do prazer, nascêrão dores ;  
E p'ra o pranto, e p'ra dôr dou eu rizadas.  
O premio que anhelei, hoje regeito ;  
Ora pillulas ! esse amor stá desfeito.

No presente ? Oh ! oh ! oh ! é bem feliz !  
Vamos n'elle fallar : — Eu tenho amores ;  
Tenho inda tabaco e o meu cachimbo ;  
Tenho o ar que respiro ; tenho as flores ;  
Supponho que seja meu o mundo inteiro ;  
E sou feliz assim, sem ter dinheiro.

No futuro não penso, elle é de Deos,  
Que o dia d'amanhã dos dá ou tira.  
Dizer—guardo este pão p'ra comer logo,—  
Chama-se guardar o pão, comer mentira.  
Que m'importa o porvir ? Jou-o á sorte.  
O que elle nos reserva ? A dôr ! a morte !

N'esta vida pensar não vale a pena,  
O mundo é como o vento, inda mais vario.  
Vê-de como enganou-se a virgem noiva,  
Tomando por seu véo, negro sudario ! . . .  
Se se morre do jantar na sobremesa,  
Se morre o homem, o animal e a natureza ?

Em que, pois, vou pensar se tudo é nada ?  
Ora adeus ! caro senhor, não 'stou disposto  
A tomar, estravagante *fashionable*,  
Medidas do prazer ou do desgosto.  
O que me importa a mim, voltas do mundo,  
Se qual um casco velho hei de ir ao fundo ?

Porto Alegre, 10 de Outubro de 1869.

Silvio.

# IMAGE.

(DU CHATELIER.)

Quand la tempête siffla au milieu des cordages,  
Lorsque la vague vient, comme un bras de Titan,  
Se cramponner en vain aux solides bordages,  
Quand les vergues, les mâts, sont ployés par l'aulan,  
Et que la mer gémît sous un vaisseau qui sombre,  
Plus d'une fois, ces mâts, où sont pendus sans nombre  
Des câbles longs et noirs tendus par l'ouragan,  
M'ont semblé, dans la nuit, des harpes colossales  
Vibrant avec fureur sous les doigts des rafales !

*Charles Poncy.*

# I MAGEM.

(Tradução immediata a leitura da poesia acima.)

Quando o temporal freme entre o cerlame,  
E que a vaga titanea o braço erguendo  
Açouta embalde a solida amurada ;  
Quando ás vergas o tufão despe o velâme,  
Dobrando os mastros, e a nave, rangendo,  
Ergue em seu dorso a onda encapellada ;  
Máis de uma vez, *Imagem*, me recordas  
Uma harpa colossal, tocando os céos  
C'os mastros, onde o vento entesa as cordas  
Que tangem ao embater dos escarcéos.  
Porto Alegre, 7 de Julho de 1869.

*Bernardino dos Santos.*

# SETE DE SETEMBRO.

Pobres ruínas de infeliz vaidade!  
Solidões, onde ha pouco o despotismo  
Estupido se erguia,  
Vós que'ouvieis fallar da liberdade  
E occultas sempre em lutulento abysmo;  
Sem ver a luz do dia;

Escutae minha voz insulsa e rude,  
Este cânto sem metro e sem cadencia,  
Mas franco e verdadeiro  
Devaheio de estólido alaúde;  
Que ousa saudar o sol da independência  
Do Império Cruzeiro.

Hoje faz annos que se erguendo um povo  
Foi aos mundos da luz buscar a gloria,  
Vestio-a senhóril!  
Foi ao bello buscar um nome novo,  
E em lettras immortaes gravou na historia:  
« Império do Brazil ! »

Depois fitou attivo a immensidade,  
Ergueo a fronte ao sol resplandecente  
No firmamento azul;  
E cheio de solemne magestade,  
Com prazenteira voz allipotente  
Que atróa Norte e Sul,

Bradou:—Gigante, no berço  
Hontem escravo— hoje Império !  
Eu sou a Nação primeira  
Deste imponente hemispherio !  
Té além do trópico austrino  
Vão meus domínios immensos  
Sorver os raios intensos  
Do sol de além do Equador !  
E desde o cabo São Roque  
No Oceano magestosa  
Eu me estendo— portentoso  
A's regiões do Condor !



Tenho cedros como o Libano;  
Maior *bahobab* que o Egypto ! (1)  
Riquezas como as que eu tenho  
Só pôde ter o Infinito !...  
Minhas florestas, meus campos,  
Meus rios, valles e montes  
Limitão mil horisontes  
No espaço que Deos lhes deu !  
Quatro gigantes rodeião  
Meu dominio sobrehumano :  
Prata, os Andes, o Oceano,  
E o rei dos rios, que é o meu !

As auroras do Oriente  
Invejão meu céu azul !  
Meu sabiá, quando canta,  
De inveja mata o *bulbul* ! (2)  
As mais frondosas = orestas,  
As mais secundas campinas,  
As mais inexhaustas minas  
Eu sómente encerro em mim !  
Meus palmares são mais bellos  
Que os do Oriente orgulhoso.  
Meu *molongó* mais cheiroso (3)  
Que o mais olente jasmim !

Em tudo tenho riquezas,  
Quaes nunca alguém possuio,  
Quer do Equador aos fulgores,  
Quer além trópico ao frio !  
Ha mais amor nos meus bosques,  
E tudo é paz, tudo festas  
Nas minhas verdes florestas !  
Nos reconditos sertões  
As Tapuias feiticeiras,  
Que as andaluzas mais bellas,  
Mais formôsas que as estrellas,  
Têm fogo nos corações !

Não ha nada mais suave  
Que as noutes no seio meu,  
Quando as estrellas divagão  
Pelos desertos do céu !  
E quando a brisa fagueira,  
Beijando as aguas dormidas,  
Canta nas folhas pendidas  
Das palmas do burity,  
Derramando pelos ares  
Em cada languida nota  
Confundida a essencia ignota  
Da baunilha e do « humiry » ! (4)

---

(1) «Bahobab» — Arvore colossal da Africa sob cuja rama podem formar milhares de homêns. — Um naturalista inglez descobrio ha poucos annos no Amazonas uma outra arvore do dimensões mais descommunes, conhecida por «sumahumeira» e que aqui chamo de «Bahobab» pôr analogia.

(2) «Bulbul» — Nome do rouxinol da Asia.

(3) «Molongó» — Flor de suavissimo perfume, abundante nas varzeas e margens dos rios do Pará.

(4) Humiry — Arvore do Pará, cujo oleo é tão perfumoso que a simples casea della depois de guardada annos conserva toda a intensidade do perfume.

De tão formosos thesouros  
Quem é senhor como eu sou ?  
Quem são estranhos portentos  
No mesmo solo encontrou ? !  
Ninguém — na norte, ou na aurora !  
No Sul algente, ou no Norte !  
Porque ninguém teve a sorte  
De ser o Imperio da Cruz !  
Sou o gigante das selvas,  
Meu leito é mar de saphyras,  
Meu manto de sucupyras,  
Meu sceptro raios de luz.

Criança — no berço ainda,  
E-cravisado me achei !  
Mas hoje a dura cadeia  
Do captiveiro quebrei...  
Um pygmêo insensato  
Ousou chamar-me de escravo,  
Sem saber que, forte e bravo,  
Nasci para ser senhor !...  
Esquecendo, pobre louco,  
Que por minhas vastas zonas  
Corre indômito o Amazonas  
E vôa altivo o condor !

Sou o orgulho do Oceano  
Que banha meu littoral,  
Porque mar nenhum conhece  
Qualquer que lhe seja igual !  
Do Cruzeiro eu sou a gloria,  
E dilecto das Espheras  
Não sei contar primavéras  
Pois vivo em perenne Abril !  
E' meu caminho a virtude !  
Meu destino a liberdade !  
E, cheio de magestade,  
Só eu me chamo — Brazil !

*Julio Cezar Ribeiro de Souza.*



# CRENÇAS ARGELINAS

## O MÃO-VERDE

O Cherife arabe que commandava a iusurreição contra Biskra, onde succumbio gloriosamente o commandante São Germano, arrastou em seu transito pelas montanhas uma infinidade de montanhezes indigenas, prevalecendo-se de uma mentira, aceita e muito commum entre os arabes.

O Cherife fizera uma peregrinação a Meca, e chegado ao tumulo do Propheta, foi tão feliz que metteo a dextra no interior do turbante que corôa aquelle mausoléu, o qual tinha usado Mahomet em sua vida.

Este arabe voltou enthusiasnado por tanta honra, qual a de haver tocado o turbante, e tingio-a de *verde*. Esta era a côr dilecta do Propheta, e a que tem o turbante.

Esta *mão verde* devia operar prodigios. O Cherife, dizia elle, nada mais precisava do que apresentar-se ante os *roumi* (nome que dão aos francezes), e os raios que se desferirão de sua mão bemdicta, os fulminaria, ou punha-os em fuga.

Os francezes, pouco medo tiverão dos raios da *Mão-verde*, e apenas o avistarão carregarão com tal impetuosidade sobre os arabes, que commandava o tal Cherife, que *cento e setenta e cinco homens*, sem terem as mãos verdes, derrotarão *quatro mil indigenas*, pondo-os em fuga, depois de lhes ter morto mais de tresentos.

Foi este um milagre com que não contava, e nem previra nunca o *Mão-Verde*. No entanto ainda continúa vigorosa essa crença supersticiosa.



## SANAFADA

E' crença geral e arraigada no espirito dos musulmanos que os francezes não estenderão os seus dominios na Africa, e nada mais farão do que permanecer algum tempo em Argel.

Explicação sua credence por uma palavra mysteriosa — *Sanafada*, que não tem em si mesma senso algum, porém que se compõe das letras iniciaes dos nomes seguintes: Sultãos, — Nazarenos (christãos), — Fatimas (cherifes), — Dejalets (raça do pygmêos), — Aïça (Jesus).

Esta prophecia explica-se porém d'est'arte:

O reinado dos Sultãos foi substituido pelo dos Christãos, o d'estes dará lugar ao dos Cherifes.

Elles pretendem que o Cherife, que deverá expulsar os francezes da Argelia, já está n'este mundo, pois que vira a luz do dia em Marok, e que chegará de Meca trazendo consigo todas as populações musulmanas por entre as quaes passar.

Depois de reinarem os Cherifes, serão subordinados a uma raça de anãos, raça infima e perversa que será exterminada por Jesus.

O filho de Maria proclamará e derramará sobre toda a terra a igualdade e justiça até o fim do mundo.

O prazo para o cataclysmo universal dista dous mil annos da *hegira*, porque o Propheta disse: — O mundo terá mil annos e mais, mas não chegará aos dous mil completos

# EMENTARIO.

Decididamente em pleno seculo XIX ergue, arrogante e ameaçadora, a cabeça a instituição de Loyola, não sob o cunho ascetico, não envoltos os seus discipulos na aspera sotaina de um Jesuita ou Lazarista, como antes; mas risonha, jovem, bella, *lorette* emfim, trajando costumes de phantasia, a classica casaca, o romantico *frack* e o discreto *sur-tout*, por traz das ruinas do *Parthenon*.

Assim é, que, sendo nós um dos membros d'essa terrivel sociedade, já não somos mais um homem, aquella creatura imagem do Creator, esse ser privilegiado que pensa, escolhe e quer, e sim uma *cousa*, que impellem, arrastão, retrahem, e virão e revirão a seu talante. A fé! que já não temos vontade propria, que somos uma especie de Marquez de Montfior, que pensava só e tudo quanto pensava D. José de Santarém, o 1.º Ministro de Carlos II de Hespanha—nós pensamos o que a sociedade pensa, e queremos só e tudo quanto a sociedade quer.

D'est'arte foi que no fim do mez chegarão-se a nós dizendo: — O' seu aquelle, a Revista d'este mez lhe pertence—e, sem mais replica, eis-nos já na elaboração do *Ementario*. E, não o fizessemos, a ver como nos reduzião logo a bicarbonato de. . . qualquer coisa, ou nos exautoravão em estatua como ao Cabral velho.

Nada, isso nunca! porque mesmo, méa culpa, méa culpa, méa maxima culpal nós somos do numero dos mais incançaveis no serviço da sancta congregação..

Graças ao Creator reina paz na igreja Elvas! Esta nossa Porto Alegre é mesmo uma igrejainha. . . e por ella passou o mez de Outubro comose fôra uma das castas irmãs de Barbara Ubrik, a freira de Cracovia, nada, absolutamente nada deixando á registrar senão mais uns *cinco* expostos nos livros da Santa Casa de Misericordia. Ah! que se não fôra o pranto clamoroso d'esses desgraçados innocentes, orphãos de paes vivos, dir-se-hia que nós não viviamos.

A Hespanha perdeo um Mendez Nunes, a França um Niel; mas nós nem tivemos que perder, ao que parece: uma centena de valentes no Paraguay, um Theophilo Ottoni, um João Manoel e outros quejandos o que valem?

Nada, sem duvida; porquea França e Hespanha chorarão: esta, o marinheiro que queria *honra sem barcos mais do que barcos sem honra*; aquella, o bravo de Sebastopol e mais tarde commandante do 4.º Exercito dos Alpes: porém quem chorou, quem já se lembra de João Manoel, o vencedor de Tagy e Potreiro Obella, do bravo de Peribebuy, e do illustre Theophilo Ottoni?

Serenemo-nos. Aqui está o Sr. Pavillon das *Orphãs da Caridade*, para nos dar o exemplo: « Com brandura. . . com brandura, chegaremos ao nosso fim. »

Agora ao fim do que chegaremos, é que quizeramos nos aconselhassem.

Ah! Vejam, do que é causa uma surpresa. . . Uma surpresa é cousa horrivel, perde-se a voz, a disposição, a energia, a força, e até as vezes nem se pôde correr. . . E' uma emoção que embota as idéas, emmudece os tagarellas, faz fallar aos mudos, correr aos paralyticos e parar aos gamos. . .

A surpresa é o irris logico contraste do ouro.



Este aplana, remenda, limpa, illumina e consagra tudo ; aquella escalva, rompe, conspueca, obumbra e anathematiza tudo quanto haja de mais generoso e mais nobre.

Dissemos : que só se conhecia o progredir e a vida entre nós, por esse thermometro da moralidade de um povo — a *roda dos engeitados*, mas ainda é tempo de retractarmo-nos, e assim o fazemos; porque a par da corrupção que avulta devastadora e gigantescamente, marcha o progresso moral e material nas azas d'essa brisa perfumada e veloce que refrigera e purifica os miasmas sociaes.

Porto Alegre vive a vida do progresso e da civilisação ; qual o Ashaverus biblico, caminha, caminha sempre, e não como aquelle em precursor de flagellos, mas obreiro do porvir e da grandeza de um povo nobre, entusiasta e bemdicto de Deos !

Vejam os senão : aqui a litteratura nacional, que, nascente embora, palpita entre os louros que já lhe engrinaldão o berço infantil ; ali aos açoutes do simoom da morte, entre o fumo dos combates, o pavilhão da liberdade que flamêa sobre as ruinas das alcaçares e das masmorras de um tyranno ; a historia que resume nos herões de uma nação todos os archetypos dos das outras ; a poesia da guerra, este mixto divino de nenias e hymnos, de magnanimidade e barbarez, de bello e horriavel, esse concerto do inferno, essa harmonia despedaçadora de soluços e gemidos com os canticos do triumpho !

E, se á esses a gloria espera além tumulo, á outros sorri a fortuna. Este povo, cuja fronte altaneira hoje se levanta laureada sobre os pincaos das cordilheiras do Paraguay á admiração do mundo civilisado, tem acção em todas as fibras de seu corpo, colosso que impõe limites ao Atlantico.

Deixan lo mesmo o que se passa além da Provincia, já não seria facil enumerar o que n'ella se offerece digno de menção. Seu progresso material tanto como o moral é immenso e futuroso. Em curto lapso veremos em seu seio lançado o trilho ferreo que deverá unir a capital ao emporio agricola da Provincia, e outro que trará o producto de suas minas ao porto, seuão o melhor, o mais concorrido, e unico por onde passão os generos que permuta o nosso commercio. Assim tambem o telegrapho ligará por minutos a correspondencia entre Porto Alegre e as cidades e povos mais importantes e longinquos da Provincia, que talvez em breve vejamos (graças a uma dedicação rara e a esforços quasi impossiveis, taes os do intelligente Dr. Braga) unida a de Santa Catharina por esse amplexo da civilisação e da fortuna, qual se pôde chamar ao ferro-carril.

E não são sómente os meios de communicação que facilitão as transacções commerciaes e o interesse publico e geral, o que têmos para, com razão, inda que anticipadamente, nos regosijarmos, não ; a industria prosegue tambem, mais lenta, é verdade, porém fertil em resultados benéficos.

Sim, a industria é a felicidade tambem, porque é a intelligencia dominando a materia que se molda e presta a sua vontade e necessidades, porque se estende desde a agricultura até a ultima das artes, até o sublime das concepções do genio, subordinada a applicação da sciencia. E' da industria que assim falla um autor francez, cujo nome ignoramos :

« E' por ella que manifesta o homem sobre a natureza o seu poderio : assim a cultura de um grão, o trigo ; a descoberta de um metal grosseiro, o ferro ; o emprego de um instrumento bem simples, a charrúa ; os serviços que aos homens prestão os animaes que domesticára ; e isto seria sufficiente para mudar a face, para refundir as sociedades humanas ; para subtrahir o homem á muitas dependencias, livral-o de muitos cuidados e satisfazer-lhe necessidades as mais legitimas ; para enfim, desenvolvê-lo e tornal-o apto á exercer suas mais elevadas faculdades.

« Por uma lei providencial as necessidades do homem crescem na razão directa do desenvolvimento de suas faculdades. Esta tendencia invencivel da natureza é o mobil essencial de sua actividade, e pelo qual é incessantemente impellido a tornar-se de mais em mais livre, ao mesmo tempo que, de mais em mais poderoso. »

Conhecidas as vantagens, e inda que obscuramente, a historia da industria, resta-nos então consignar o apparecimento de uma nova, na Provincia; industria que se apresenta materialmente visivel, rica de futuro e de esperanças, offerecendo á navegação, ao commercio e ás artes um novo genero á permuta e trafico com o estrangeiro, para o trabalho; e quiçá para a gloria do paiz, que terá talvez, taes a decrepita Grecia e a orgulhosa Roma, a sua eternisação em seus marmores, se tallados pela mão do genio modelarem em symbolos a sua historia; n'essas abundantes e esplendidas jazidas que superabundão nos municipios circumvizinhos d'esta capital, as quaes dormem, senão o somno da ignorancia, o da inercia, e do abandono. — Oh! que Deos fade bem essa patriótica empreza, que acaba de estabelecer-se no louvavel e grandioso empenho de explotar e manufacturar os marmores do Rio Grande do Sul.

Deixemos, porém de parte, este assumpto, que talvez pareça á alguém improprio para ser tratado em uma — revista litteraria — para adiantarmos ainda algumas palavras sobre outros importantes assim.

Temos sob as vistas tres lindissimas poesias, que nos merecem louvores, e são : duas scenas poetico-dramaticas — *O Anjo da solidão*, do illustrado poeta coetaneo, Sr. Bernardo Taveira Junior, e *O Anjo dos Sepulchros*, do talentoso Sr. Francisco Lobo da Costa; e a *Escrava fugitiva*, de nosso amigo o intelligente jovem Achylles Porto Alegre.

*O Anjo da solidão* é — uma das mais bellas creações poeticas de seu genero, e que bastaria para dar lustre ao nome do Sr. Bernardo Taveira, se este fosse ainda obscuro. Desejavamos poder aqui trancrever completo esse poêmeto, porque em sua leitura teria o autor elogio mais eloquente, que todos quantos lhe poderemos tecer; mas o limitado espaço concedido ao *Ementario* não nos permite a satisfação d'esse desejo; não podendo, porém, isso, cohibir-nos de notar, entre alguns, entre todos os versos que o constituem, estes que são bellissimos :

« Cada cranêo é um poêma  
« N'esta gélida mansão.  
« Cada cruz signala um nome,  
« E cada nome um padrão.  
« Este campo é uma historia,  
« E eu me curvo á memoria  
« Dos que repousão aqui;  
« Cada qual foi um guerreiro,  
« Foi um martyr do Cruzeiro  
« Por quem lagrimas verti.

« Quanta gloria o mundo ignóra  
« Do silencio na mudez !  
« Quantas c'rôas reflorcem  
« D'este sitio na rudez !  
« Aqui, livres contra escravos,  
« Eu vi batalhões de bravos  
« Combaterem sem temôr,  
« Vi-os cahir denodados  
« Bradando enthusiasmados :  
« *Viva o nosso Imperador.*

• • • • •  
« Oh ! em tão féros combates,  
« Em tanto ardor nos embates —  
« Qual d'elles heróe não foi ? !  
• • • • •

- « Eia ! ó cranêos, animai-vos !
- « Vinde a historia contar
- « D'essas pugnas gloriosas,
- « D'essas lutas de pasmal !
- « Mas não !... Basta que um só falle,
- « Pois d'um só a historia vale
- « Para honrar uma nação;
- « Iguaes no arrojo e coragem,
- « Combatião com a imagem
- « Da patria no coração. »

Este bello poêmeto foi pelo bardo rio-grandense dedicado a uma das glorias do palco brasileiro, a laureada actriz D. Adelaide do Amaral.

O *Anjo dos sepulchros*, como o *Anjo da solidão* desce entre as sombras da noute, em horas tardas ao campo. onde se ferira o combate, e então cemiterio; e ahí, ante esse lugubre painel, elle se reclina a cruz da valla onde dormem o somno eterno tantos heróes, e com voz unvida de piedosa saudade, ergue por elles uma prece ao Altissimo, e evocando a gratidão da patria, faz-lhe o panegyrico dos seus gloriosos martyres.

Só o poéta pôde definir em sua sublime linguagem as impressões que o estremecem ante esse triste espectáculo : deixemos portanto, a elle a sua descripção, e ouçamol-o admirados :

- « Sombria corre a noute, e as vozes do mysterio,
- « De manso, nas hervinhas começa a soprar. . . .

. . . . .

- « Tantas sepulturas. . . tantas cruzes ! . . .
- « Nem dardeja siquer um cirio além. . . .
- « Vêrmes, ossadas . . . aguçadas urzes ! . . . .
- « Oh ! parece um terrivel cataclysm !
- « Diz-me, ó ar, que passaes, cortando as cópas
- « Dos arvoredos, se isto é acaso scysma,
- « Ou a verdade que meus olhos vêem ? . . .

- « O ar emmudeceo. . . . nem me responde !
- « Onde estou ? . . . . Ah ! me diz agora a mente,
- « Na mansão dos romeiros da saudade,
- « Dos levitas da glória e — Redempção !

. . . . .

- « Rôla o raio nos céos. . . rasgão-se as nuvens,
- « E a turba féra nem siquer se aterra !
- « Gemem feridos. . . hirtos de agonia !

- « Que espectáculo inda aquelle ? . . . tudo horrivel :
- « Nas aguas um clarão como de incendio. . . .
- « As galeotas vão beijar o nivel
- « Dus arróios, que espumão revoltosos !
- « Boião cadaveres. . . mutilados todos !
- « E o fumo se aproxima ! Ah ! cáem mortos
- « Mil filhos do Brazil.

« A trincheira é raza !

- « São leões que se arroião no torneio...
  - « Exhala o sangue seu vapor que abraza,
  - « Jorrando immenso, fatal, imaginario;
  - « Parece uma mortalha se roçando,
  - « Rubra, nos braços de feral calvario !
  - « Tenho medo de ver ! Que quadro feio !
- . . . . .

- « Amanhã... Ail Quem sabe ! pelo pó,
- « E pelas murtas, que o pampeiro arrasta,
- « Será este sitio, um mattagal tão só,
- « Ignorado p'lo viajor que passa !

- « Què importa ! Amanhã, aqui, nas beiras
- « D'este bosque feral sem nome e luz
- « Raiará o jardim das oliveiras;
- « E o calvario, rasgando a mysteriosa
- « Procella do abysmo inviolavel,
- « Mostrará ao que passa, alma saudosa,
- « *O sepulchro dos Martyres da Cruz.*

Passemos agora ao folheto ultimamente publicado por nosso consocio, o Sr. Achylles Porto Alegre, contendo uma poesia a que chamou *A Escrava Fugitiva*. Não somos, nós bem o sabemos, dos competentes para fazer uma critica sobre qualquer trabalho litterario, e menos inda sobre poesia. Té mesmo, nem o tentariamos se o fossemos. Mas somos-lhe afeiçoados, e muito francos e livres em nossos juizos, para dizermos ao Sr. Achylles, o que pensamos sobre sua poesia; e ao contrario de outros, começaremos por notar antes das bellezas, do meritó que ella encerra, aquillo que lhe julgamos defeitos, e são :

1.º-- Que em sua poesia se aspira muito pronunciado o perfume que trescalla da *Judia*, de Thomaz Ribeiro, de que é impressão immediata a *Escrava Fugitiva*, como se vê nos seguintes versos :

Íremos tambem á Nubia,  
N' Abyssinia e no Egypto,  
A' patria das tradicções,  
O berço das lendas santas  
D'essas nobres gerações  
Agora já mortas tantas.

que lembrão os de Thomaz Ribeiro na poesia *Judia* :

« Cresci, meu pae, uma noute  
« Disse-me:— E' já tempo agora;  
« Ergue-te ao romper d'aurora,  
« Vamos partir' amanhã ;  
« Vamos ver ás terras santas,  
« Sepulchros de teus monarchas,  
« A patria dos patriarchas,  
« Desde o Egypto a Chanaã.



Estes outros do Sr. Achylles :

Mãe... ó... não irei mais longe,  
Cansei p'ra sempre lalvez,  
O suor me alaga a face  
O sangue me inunda os pés.

que são quasi os do poeta alludido:

« — Paê, cansei, mostra-me a patria,  
« Quero dormir sem receio ...  
« — Filha, encosta-te á meo seio,  
« Que não tem patria Israel ! »

E ainda outros, imitação immediata aos do cantor portuguez, igual até na construcção, como vê d'esta quadra :

Dorme, filhinha das entranhas minhas  
Dorme sosinha sobre os braços meus,  
Dorme, que aqui eu chorarei por ti,  
Anjo que vi esvoaçar aos céos.

Semellantissima a est'outra d'aquelle poeta :

« Dormes? E eu vélo, seductora imagem,  
« Grata miragem que no êrmo eu vi,  
« Dorme—Impossivel—que encontrei na vida!  
« Dorme, querida, que eu descanto aqui ! »

2.º— Haver, se bem que raras vezes, como que um salto rapido do commum ao bello e vice-versa; um como sopitar de chofre a fluidez do verso, o encadear do pensamento, que parece quebrar-se; emfim, um certo *que*, que não saberiamos explicar, mas que sentimos de destroncamento quer na acção, quer na mudança das situações, como se vê n'estes versos que são seguidos :

Antes morrer n'a miseria,  
Sem familia e sem conforto,  
Pelos seus abandonada,  
Do que ser rica e captiva,  
De um monarcha requestada,  
Nas suas festas conviva.

Meu Deus, Senhor, dai-me forças !  
Cansei, foi longa a romagem,  
Mas poupa-me ainda uns dias  
Até que eu chegue a Guiné ;  
Quero morrer de agonias  
N'esse paiz que meu é.

3.º— Finalmente, não differenciar-se o genero do verso nas diversas passagens, n'esses transportes que se poderião chamar mutações e scenas em gyria dramatica.

E estes são os pequenos defeitos, todos quantos laes nos parecerão, e que talvez não o sejam, o que estimavamos de coração.

Vejamos agora o que ha digno, tambem a nosso ver, está claro, de elogio e de nota. Ha muito: ha quasi tudo. Vejamos porém, e comecemos pela pintura breve, mas linda e tocante, que faz o poeta da triste condição da escrava :

Se a pobre chora curvada  
Ao pezo de mil tormentos,  
Seu pranto não tem valia !  
A escrava não tem direito  
De verter pranto do peito  
Pranto que a dôr allivia !

Se a miseravel captiva,  
Curtindo tormentos tantos,  
Pensasse em amar um dia,  
Sonhasse um mundo d'amores,  
Louca de certo seria,  
Crendo um riso em mar d'horrores.

E' cheia de sentimento que ella contempla o seu estado, preferindo a morte pela extenuação no abandono a continual-o, e assim exclama com voz repassada de justa dôr :

Antes morrer sem lareira  
No seio da solidão,  
Sem um tecto, sem guarida,  
Lavada a frente em suor,  
Do que ser-se n'esta vida  
Escrava de um vil senhor.

Como é sublime a sua prece, quando erguendo o pensamento a Deos o arrastra pelas areias ardentes de sua patria, e com a alma a transfundir-se no pranto, ora, e rezando falla ao passado, ás saudades, ás reminiscencias ! E então são estas as suas eloquentes palavras :

Meu Deos, deixae-me ao menos  
Ver o céu de minha patria,  
Se patria a captiva tem !  
Não sei meu berço onde é,  
Se nasci em Mesasem,  
Em Loanda— ou em Kobé.

Qu'importa! nasci na Africa,  
Na terra de Mesraim,

.....  
O' menti! Já nem recorde  
O torrão, onde eu nasci,  
Roubada ainda creança,  
Quando dez annos eu tinha,  
Só guardo fraca lembrança  
Da mulher que sempre vinha  
Cobrir-me as faces de beijos,  
Acalentar-me em seu collo....  
Porém, quem era meu Deus?  
Que sempre a meu lado via,  
A embalar-me aos cantos seus  
Sorrindo com alegria?!

Em fim, depois de outras muitas strophes, onde a imaginação do poeta ascendeo bem alto, elle ainda soube significar a resignação da martyr, quando os ultimos lampejos da esperança de patria se lhe apagavão n'alma, com estes lindissimos versos:

Meu Deus, meu Deus, que fadiga!  
O cansaço me suffoca,  
Tenho sêde, mas a fonte  
A segura me não mata!  
Em brazas arde-me a frente,  
Onde a dôr só se retrata.

Meu Deus, que sina maldicta,  
Ir-se caminho da patria,  
Quebradas tantas cadeias  
De medonho captiveiro,  
E ver-se correr nas veias  
Da morte o sôpro ligeiro.

A *escrava fugitiva* tem por autor um jovem, intelligente e estudioso que promette, se não desanimar como tantos outros talentos e vocações o têm feito, recuando o caminho da celebridade, ser o orgulho de sua provincia: ao menos isto é o que julgamos do Sr. Achylles Porto-Alegre.

Quanto ao juizo que formamos de sua obra, e que julgamos rude, porém sincero, nos faz lembrar a seguinte anedocta, que tem muita analogia ao caso:— Quando em juncta se redigia o *Dictionnaire de l'Academie*, e que o redactor da palavra *minutieux* marcára que o *t*, n'esta circumstancia, se pronuncia como se fôra um *e*, um dos membros presentes exclamou aturdidamente: — « Ora é boa! Bem sabemos nós todos que o *t* precedido d'uma vogal e seguido de um *i* toma o som de *e*. » Ao que respondeo Nodier, o redactor: — Meu caro collega tende *picié* de minha ignorancia, e faça me a *amicie* de repettir a *moicie* do que acaba de dizer. »

Assim tambem o poeta dirá algo sobre o nosso juizo á sua poesia.

Uma vez *na maré* das anedoctas, lembra-nos uma outra, que se presta magnificamente a encaixe para fechar o *Ementario*, cuja anedocta-se pode chamar a *dos deux adverbios*; eil-a:

Um estudante da Universidade de Coimbra que nos ultimos annos a frequentava, recolhendo se embriagado para casa, encontrou, de madrugada, o lente de sua Faculdade.

— Como vae? perguntou-lhe o *magister*.

— Vou bebudo, respondeo o estudante.

— Pois já?

— *Ainda*, replicou-lhe o academico.

Assim fizeram comnosco a respeito da redacção d'esta *Revista*, pois que perguntamos, surprezos, ao *Parthenon*: pois já somos redactor outra vez?

E elle, por seu órgão mais autorizado — o Continuo, nos respondeo: — *ainda*.

Bernardino dos Santos.

### Epilogo.

Desta vez fazemos um *Ementario* como os sonetos do fallecido Sr. João de Pontes, que continuavão, mas é para offerecer aos nossos dramaturgos o seguinte e deploravel acontecimento, como thêma para um drama historico, e que foi assim narrado em gazetilha da *Reforma*:

« Deo-se no dia 4 do corrente (Setembro d'este anno), na freguezia da Aldêa dos Anjos, um facto extraordinario, que revela a energia da mulher quando allucina-se pela paixão, e que se vê desprezada.

« Maria Justina era uma moça, residente na povoação da Aldêa; que segundo nos informão enamorara-se de um moço, negociante ali estabelecido, sendo o seu amor real ou aparentemente correspondido.

« Mais tarde espalhara-se o boato na povoação de que o moço deprezava Maria Justina, e que estava justo para casar-se com outra moça.

« A paixão e o resentimento puzerão nas mãos da corajosa moça a arma com que pretendia vingar o seu amor desprezado, ou quem sabe, a sua honra offendida.

« No dia 4 vestio se Maria Justina em trages de homem; e ao escurecer dirigio-se á casa do moço, pedio para fallar-lhe, e ao apparecer-lhe, recordou-lhe com resolução e energia o compromisso que havia contrahido da sua vingança.

« Nesse momento apontára-lhe a pistola, porém o esquecimento que teve de armar o gatilho permittio a fuga do moço, que fechára-se em um quarto.

« Maria Justina voltou á casa e ahí suicidou-se, desfechando um tiro sobre o peito.

« Dizem-nos que a infeliz suicida pertencia a uma honesta familia. »

